

**TRADUÇÃO INTEGRAL E COMENTADA DA EPÍSTOLA AD
PAMMACHIUM: DE OPTIMO GENERE INTERPRETANDI**

Maria Cristina Martins¹

Resumo: o objetivo desta tradução comentada é disponibilizar para o público universitário brasileiro esta epístola de São Jerônimo, considerada como a porta de entrada para o trabalho do tradutor ou como um modelo que todos esses profissionais deveriam seguir. Nesta epístola, escrita em 395, apresentam-se alguns dos princípios norteadores da prática de tradução e da identidade do tradutor.

Palavras-chave: São Jerônimo, Antiguidade Tardia, epistolografia, tradução, língua latina.

Résumé: cette traduction commentée a pour but de disponibiliser au public universitaire brésilien cette épître de Saint Jérôme, considérée comme la porte d'entrée du métier de traducteur ou comme un modèle que devraient suivre tous ces professionnels. Dans cette épître, rédigée en 395, sont présentés certains des principes directeurs de la pratique de la traduction et de l'identité du traducteur.

Mots-clés: Saint Jérôme, Antiquité Tardive, épistolographie, traduction, langue latine.

Introdução

No início da epístola *Ad Pammachium* (*Ep.* 57), objeto desta tradução, Jerônimo explica que traduziu uma carta do grego para o latim (*Ep.* 51)², a pedido de Eusébio de Cremona e, em seguida, refere-se ao roubo dessa tradução, que lhe valeu a acusação de falsário e de mau tradutor, por parte de seus inimigos. Invoca a autoridade de Horácio e de Cícero, autores clássicos que lhe servem de mestre na arte da tradução para justificar os procedimentos que emprega. Enquanto continuador da tradição romana no âmbito da tradução, procura traduzir “sentido por sentido” e não “palavra por palavra”. Dá igualmente exemplos de traduções bíblicas, onde omissões e acréscimos são uma constante, mostrando, novamente, que apenas segue uma tradição. Em suma, diz ele que não há nada de censurável em sua maneira de traduzir, que não corresponda ao que é

¹ Professora de língua e literatura latinas no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (UFRGS). Nossa tradução não é a primeira em língua portuguesa, mas a segunda. A primeira foi a de Aires Nascimento (NASCIMENTO, 1995), em cuja edição apresenta-se igualmente uma introdução bastante acurada sobre o Jerônimo tradutor, além de uma contextualização detalhada das circunstâncias que o levaram a escrever a *Epistula* 57. No entanto, a tradução que aqui apresentamos difere consideravelmente daquela realizada por Aires Nascimento. Esse autor visivelmente adota o estilo de tradução realizado por Jérôme Labourt, das edições Les Belles Lettres. Ambos os tradutores tendem a uma tradução interpretativa.

² A *Ep.* 51 data de 394.

habitual³. No entanto, a *Ep. 57* vai muito além dos assuntos sobre tradução. Aborda igualmente temas paralelos que envolvem as obras da Antiguidade: o roubo de manuscritos ou de suas cópias, a falsificação de documentos, a adulteração de textos, a corrupção de funcionários do sistema de arquivos, entre outros.

Na tradução, não temos intenção de recriar outro texto, com base na interpretação do original. Tampouco, queremos traduzir tão literalmente o texto latino a ponto de torná-lo incompreensível em português. Pretendemos apresentar uma tradução equilibrada entre esses dois eixos. Porém, quando a escolha se faz necessária, seguimos os passos de São Jerônimo e privilegamos o conteúdo, antes da forma. Quanto às notas de tradução, buscamos mais esclarecer o contexto histórico-cultural do que explicar questões filológico-linguísticas ou tradutórias.

Por fim, estabelecemos o texto latino conforme a edição crítica da Collection des Universités de France – Les Belles Lettres.

<p><i>Ad Pammachium: de optimo genere interpretandi</i></p> <p>I. Paulus apostolus praesente Agrippa rege de criminibus responsurus quae posset intellegere qui auditurus erat, securus de causae uictoria statim in principio gratulatur dicens: “de omnibus</p>	<p><i>A Pamáquio: sobre a melhor maneira de traduzir⁴</i></p> <p>I.O Apóstolo Paulo⁵, em presença do rei Agripa⁶, tendo a intenção de responder sobre as acusações que lhes eram imputadas, imediatamente congratula-se, seguro da vitória de sua causa, porque aquele que estava</p>
--	---

³ Publicamos alguns artigos que envolvem o conteúdo da *Ep. 57*, nos quais oferecemos mais detalhes sobre a vida e a obra epistolográfica de São Jerônimo (ver MALACARNE; MARTINS, 2016; MARTINS, 2017; MARTINS, 2018; MARTINS; MARIANO, 2018; MARTINS; MARIANO, 2019).

⁴ Agradeço à Michelle Selister pela cuidadosa revisão do texto em português.

⁵ O apóstolo Paulo era chamado de Saulo, em hebraico. Cidadão romano de nascença (At 16,21.37s; 22,25 – 29; Fl 3,5), da cidade de Tarso, perseguiu os discípulos de Jesus, mas depois converteu-se (At 9,1 – 30), tornando-se o apóstolo dos pagãos. Empreendeu três grandes viagens missionárias (At 13 – 14; 15 – 18; 19 – 21). A ele são atribuídas quatorze epístolas, havendo dúvidas quanto à autoria de algumas, como as epístolas aos Efésios, a Timóteo, a Tito e aos Hebreus. Cf. BÍBLIA SAGRADA, 1985, p.1532. Vasconcellos; Funari (2013) afirma que Paulo influenciou outros escritos do Novo Testamento, além das epístolas, bem como a vida cristã em geral.

⁶ Trata-se aqui de Agripa II (27 – 94), filho de Agripa I (10 a.C. – 44). Na Bíblia, há dois personagens conhecidos pelo nome de Agripa, sendo o primeiro Herodes Agripa I, neto de Herodes, o Grande (73 a.C. – 4 a.C.) e Mariamne I (57 a.C – 29 a.C.). Agripa I perseguiu uma comunidade cristã (At 12,1 – 23) e Agripa II escutou a defesa de São Paulo, reconhecendo sua inocência (At 25, 13 – 26,32). Cf. BÍBLIA SAGRADA, 1985, p. 1513.

<p>quibus accusor a Iudaeis, o rex Agrippa, aestimo me beatum cum apud te sim hodie defendendus qui praecipue nosti cunctas quae in Iudaeis sunt consuetudines et quaestiones”. Legerat enim illud Esaias: “beatus qui in aures loquitur audientis”, et nouerat tantum oratoris uerba proficere quantum iudicis prudentia cognouisset. Vnde et ego beatum me in hoc dumtaxat negotio iudico quod apud eruditas aures imperitae linguae responsurus sum quae obicit mihi uel ignorantiam uel mendacium, si aut nesciui alienas litteras uere interpretari aut nolui : quorum alterum error, alterum crimen est. Ac ne forsitan accusator meus facilitate qua cuncta loquitur, et impunitate qua sibi licere omnia putat, me quoque apud uos argueret ut papam Epiphanium criminatus est, hanc epistulam misi quae te, et per te alios qui nos amare dignantur, rei ordinem doceat.</p>	<p>disposto a ouvir poderia compreender, dizendo: “de todas as coisas de que sou acusado pelos judeus, ó rei Agripa, considero-me feliz, que eu esteja hoje junto a ti para me defender, tu que especialmente tomaste conhecimento de todas as coisas que são costumes e problemas entre os judeus”. Na verdade, ele tinha lido isto de Isaías: “feliz aquele que fala para ouvidos que ouvem”, e estava convencido de que têm tanto maior êxito as palavras do orador quanto maior é o bom senso do conhecimento do juiz. Daí que eu também me considero feliz pelo menos nesse assunto jurídico, pois junto a sábios ouvidos hei de responder a uma língua imperita⁸, a qual joga sobre mim ou a ignorância ou a mentira – das quais uma é erro, a outra é crime –, se não soube ou não quis traduzir corretamente uma carta estrangeira. E para que o meu acusador não me acuse junto a vós, como também acusou o bispo⁹ Epifânio, porque pensa ser permitido todas as coisas de que fala com facilidade e com impunidade, enviei esta carta, para que a ti e, através de ti, a</p>
---	--

⁷ At 26, 2-3.

⁸ *Imperitus* significa ‘inexperiente’, ‘inhábil’, ‘ignorante’ e ‘imperito’. Nesta passagem, *linguae imperitae* está no dativo (‘à língua ignorante’ ou ‘à língua imperita’), e é complemento de *responsurus sum* ‘hei de responder’. Refere-se à própria pessoa ignorante, por metonímia. O uso de figuras de linguagem é uma das características da retórica. São Jerônimo alude, por exemplo, à repetição, na *Ep.* 65, 11: *ne quis id ipsum uitio librarii repetitum putet et est figura, quae apud rhetores repetitivo nominatur* (“que ninguém pense que isto foi reproduzido por erro do copista. Na verdade, trata-se de uma figura, que, entre os mestres de retórica, é chamada de repetição”). A comparação é também um recurso retórico bastante utilizado por São Jerônimo, inclusive nesta carta.

⁹ No latim, *papa Epiphanius* foi traduzido por ‘bispo Epifânio’. *Papa* ou *pappa* é a transliteração do grego, onde significa ‘pai’, e encontra-se nessa acepção já em Juvenal (*Sat.* 6, 652). Dos séculos III a V, era um título honorífico dado aos bispos e a outras autoridades eclesiásticas. Epifânio nunca foi Papa, mas sim bispo. A assinatura de Papa foi empregada pela primeira vez pelo sucessor de Dâmaso, o Papa Sirício (NASCIMENTO, 1995, p. 80).

<p>II. Ante hoc ferme biennium miserat Iohanni episcopo supra dictus papa Epiphanius litteras, arguens eum in quibusdam dogmatibus, et postea clementer ad paenitentiam prouocans. Harum exemplaria certatim Palaestinae rapiabantur, uel ob auctoris meritum, uel ob elegantiam scriptionis. Erat in monasterio nostro uir apud suos haut ignobilis, Eusebius Cremonensis, qui cum haec epistula per multorum ora uolitare, et mirarentur eam pro doctrina et puritate sermonis docti pariter et indocti, coepit a me obnixè petere ut sibi eam in Latinum</p>	<p>outros, que consideram digno nos amar, informe o encadeamento do assunto.</p> <p>II. Cerca de dois anos atrás, o acima mencionado bispo Epifânio enviara uma carta ao bispo João, repreendendo-o sobre algumas de suas opiniões¹⁰, e depois, com bondade, chamando-o ao arrependimento. Os exemplares desta eram roubados continuamente da Palestina¹¹, ou pelo mérito do autor ou pela elegância do escrito. Agora havia em nosso mosteiro um homem não desprezível entre os seus, Eusébio de Cremona¹², aquele que – como esta carta andava na boca de muitos e que a admirassem igualmente cultos e incultos, pelo seu ensinamento e pureza de estilo –, começou a me pedir obstinadamente para que eu lha</p>
---	---

¹⁰ A palavra *dogma* foi traduzida por ‘opinião’ porque ainda não havia adquirido o valor de ‘verdade de fé’.

¹¹ Palestina (*Palestina, -ae*): gr. Παλαιστίνη. Província romana, após a conquista de Pompeu em 63 a.C.; faixa de terras entre os desertos da Síria e da Arábia e o mar Mediterrâneo, compreendendo, de oeste a leste, um litoral plano, uma montanha central, o vale do Jordão e a montanha transjordânica. A população, agrupada em cidades independentes até o fim do segundo milênio a.C., foi presa fácil de invasores e só foi unificada pela monarquia, de Saul a Salomão, diante da ameaça dos filisteus, os habitantes do litoral. Os filisteus, “povo do mar”, de origem cretense (não semita), que ocupavam a região desde o séc. XII a.C. e durante a época dos reis de Israel (Ex 13,17), deram seu nome a essa região costeira – designação que a princípio referia-se a uma estreita faixa litorânea ao sul do monte Carmelo e, em seguida, passou a abranger a região continental adjacente, como Canaã e, sob o Império Romano, toda a região entre o mar e o Jordão, sob a forma latinizada de “Palestina” (MARTINS, 2017, p. 257).

¹² Originário de uma ilustre família de Cremona, na Itália, Eusébio foi discípulo de São Jerônimo, devendo a ele a sua maneira de interpretar as Escrituras Sagradas e a condução de sua vida espiritual. Em 384, seguiu São Jerônimo à Palestina e tornou-se monge no mosteiro que São Jerônimo fundou em Belém. Voltou a Roma para distribuir o seu patrimônio aos pobres, de onde continuou a corresponder-se com São Jerônimo, e, depois de sua morte em 420, voltou a Belém para dirigir o mosteiro. O período em que esteve à frente do mosteiro não foi muito longo, pois Eusébio de Cremona morreu em 423. Cf. NOMINIS. *Saint Eusèbe de Crémone*. Disponível em: <<https://nominis.cef.fr/contenus/saint/750/Saint-Eusebe-de-Cremone.html>>. Acesso em 05 nov. 2019.

Rafael Sanzio, pintor italiano renascentista (1483-1520), pintou um quadro retratando o milagre de Eusébio de Cremona ao ressuscitar três jovens por meio da capa que pertencia a São Jerônimo. Geralmente, esse quadro é conhecido como o “Milagre de Eusébio de Cremona”, e data de 1502-1503. Cf. MNAA. *Milagre de Santo Eusébio de Cremona*. Disponível em: <<http://www.museudearteantiga.pt/colecoes/pintura-europeia/milagre-de-santo-eusebio-de-cremona>>. Acesso em 05 nov. 2019.

<p>uerterem, et propter intellegendi facilitatem apertius explicarem; Graeci enim eloquii penitus ignarus erat. Feci quod uoluit; accito notario, raptim celeriterque dictaui, ex latere in pagina breuiter adnotans quem intrinsecus sensum singula capita continerent – siquidem et hoc ut sibi soli facerem oppido flagitarat – postulauique ab eo mutuo ut domi haberet exemplar, nec facile in uulgus proderet. Res ita anno et sex mensibus transiit, donec supra dicta interpretatio de scriniis eius nouo praestigio Hierosolymam commigravit. Nam quidem pseudomonachus uel accepta pecunia, ut perspicue intellegi datur, uel gratuita malitia, ut incassum corruptor nititur persuadere, compilatis</p>	<p>traduzisse¹³ para o latim e a explicasse, por causa da facilidade de entendê-la mais claramente: de fato, ele próprio era profundamente desconhecedor da língua grega. Fiz aquilo que ele quis: tendo mandado vir um notário¹⁴, ditei rapidamente e às pressas, marcando brevemente no lado da página, os conteúdos de cada um dos capítulos. Tinha pedido com muita insistência que fizesse isso somente para si, que tivesse o exemplar em casa; para que não se divulgasse facilmente em público. Transcorreu um ano e seis meses do fato, e então a supracitada tradução migrou dos arquivos¹⁵ dele para Jerusalém por uma nova artimanha. De fato, um pseudo-monge¹⁶, por dinheiro recebido ou por malícia gratuita, como muito claramente é permitido se perceber, tal como um sedutor que se esforça a</p>
--	--

¹³ Encontramos os seguintes verbos usados com o sentido de ‘traduzir’ nesta carta: *uertere, transferre, transponere, conuertere, exprimere e interpretari*.

¹⁴ *Notarius* nesta ocorrência significa ‘taquígrafo’, mas esta palavra também pode significar ‘arquivista’ ou ‘secretário’ (ARNS, 2007, p. 56). A acepção de ‘taquígrafo’ fica clara pelo contexto, pois Jerônimo diz que ditou o que ele deveria escrever. Temos vários testemunhos, principalmente nos Prefácios aos Evangelhos, de que ele sofria de problemas nos olhos como, por exemplo, em *Am, II, Praef., Patrologia latina (PL), XXV, 1022,D): Quae autem putantur senectutis mala ista sunt: crebrae infirmitates (...) caligantes oculi (...)* “os males da velhice são ininterruptos enfraquecimentos (...) **olhos enevoados**”. A acepção de *notarius* como ‘arquivista’ aparece adiante, no capítulo 3, quando São Jerônimo relata que Teodósio condenou Hesíquio à morte, porque forçara a entrada dos arquivos, após ter corrompido o “notário”. Em relação ao roubo de textos, São Jerônimo informa a Santo Agostinho que boa parte de seu trabalho anterior lhe foi roubada (*Ep. 134: ad Aug., (PL, XXII, 1162): pleraque enim prioris laboris ob fraudem cuiusdam amisimus*). Infelizmente, a amizade entre os dois doutores da Igreja ficou abalada durante anos, por conta de uma carta de Agostinho a Jerônimo, que tinha sido divulgada no Ocidente antes que Jerônimo, o destinatário, a recebesse. Na *Ep. 102, 2: ad Hier., Agostinho pede desculpas pelo ocorrido*.

¹⁵ *Scrinium*: ‘pequeno cofre’, ‘caixinha’, ‘escrínio’. *Scrinium* é a caixa, de caráter secreto, que serve para guardar documentos e livros, tanto nos arquivos particulares quanto públicos. A palavra também se confunde com biblioteca. Nos arquivos públicos, que não eram abertos ao público, mas apenas guardavam documentos públicos, trabalhavam os *notarii*. São Jerônimo refere-se aos arquivos públicos como *scrinia publica* e aos eclesiásticos *ecclesiarum arcae*, no *Diálogo contra os luciferianos* (ARNS, 2007, p. 176-178).

¹⁶ Esse falso monge, que exige pagamento ou age por maldade, é Vigilância (COURCELLE, Pierre. “Paulin de Nole et Saint Jérôme”. *Revue des études latines*, 25, 1947, p.256-258, apud ARNS, 2007, p.160, nota 125). Vigilância, presbítero gaulês, opunha-se à veneração dos mártires e suas relíquias, ao celibato clerical e ao voto de pobreza.

<p>chartis eius et sumptibus Iudas factus est proditor, deditque aduersariis latrandi contra me occasionem, ut inter inperitos contionentur me falsarium, me uerbum non expressisse de uerbo: pro ‘honorabili’ dixisse ‘carissimum’, et maligna interpretatione – quod nefas dictu sit, αἰδεσιμώτατον noluisse transferre. Haec et istius modi nugae crimina mea sunt.</p> <p>III. Ac primum, antequam de translatione respondeam, uolo interrogare eos qui malitiam prudentiam uocant : unde apud uos exemplar epistolae? quis dedit? qua fronte profertis, quod scelere redemistis? quid apud homines tutum erit si nec parietibus quidem et scriniis nostra possumus secreta celare? si ante tribunalia iudicum hoc uobis crimen inpingerem reos legibus subiugarem, quae etiam pro utilitate fisci delatoribus poenam statuunt, et cum suscipiant prodicionem damnant proditorem. Lucrum uidelicet placet, uoluntas displicet. Dudum Hesychium, uirum consularem, contra quem patriarcha Gamaliel grauissimas exercuit inimicitias, Theodosius princeps capite damnauit quod sollicitato notario, chartas illius inuasisset. Legimus in ueteribus historiis ludi magistrum qui</p>	<p>persuadir, se revela um novo Judas: e deu oportunidade aos meus adversários de ladrar contra mim, para que, entre os imperitos, proclamassem que sou um falsário e que não traduzi palavra por palavra: teria dito ‘caríssimo’ em vez de ‘honroso’ e, por má interpretação, o que seria uma atrocidade de dizer, não teria desejado traduzir αἰδεσιμώτατον. Desta forma, essas ninharias são os meus crimes.</p> <p>III. Mas, primeiramente, antes que eu responda sobre a tradução, quero interrogar os que chamam de maldade a prudência. De onde chegou até vós o exemplar da carta? Quem uolo deu? Com que atrevimento exibis o que desviastes por crime? O que existirá em segurança entre os homens, se na verdade, nem dentro das paredes e nos cofres podemos guardar nossos segredos? Se eu vos infligisse essa acusação diante dos tribunais dos juízes, submeteria os réus às leis, as quais também em proveito do fisco estabelecem pena aos delatores, e, como suspeitem de traição, condenam o traidor. Sem dúvida, o lucro agrada, a benevolência desagrada. Há algum tempo, Hesíquio, personagem consular, contra quem o patriarca Gamaliel¹⁷ praticou gravíssimas hostilidades, foi condenado a ser decapitado pelo imperador Teodósio¹⁸, por ter</p>
--	---

¹⁷ Gamaliel (? – c. 50 d.C.) foi o professor do apóstolo Paulo, antes de sua conversão ao Cristianismo. Gamaliel foi um rabino fariseu muito conhecido e influente no seu tempo. Como membro do Sinédrio, assembleia religiosa dos judeus que governava e julgava casos de acordo com a Lei de Moisés (Atos 22:1-3), conseguiu a liberdade dos apóstolos presos (BÍBLIA SAGRADA, 1985, p. 1524).

¹⁸ Imperador romano de 379 a 395.

<p>Faliscorum liberos prodiderat, uinctum pueris traditum, et ad eos quos prodebat, remissum, nec sceleratam populum Romanum suscepisse uictoriam. Pyrrhum, Epirotarum regem, cum in castris ex uulnere curaretur, medici sui proditione interfici nefas duxit Fabricius; quin potius uinctum remisit ad dominum ut scelus nec in aduersario conprobaret. Quod leges publicae, quod hostes tuentur, quod inter bella et gladios sanctum est, hoc nobis inter monachos et sacerdotes Christi intutum fuit. Et audet quidam ex eis adducto supercilio et concrepantibus digitis eructare et dicere: ‘quid enim si redemit, si sollicitauit? fecit quod sibi profuit’. Mira sceleris defensio! quasi non et latrones et fures ac piratae faciant quod sibi prodest. Certe Annas et Caiphas seducentes infelicem Iudam fecerunt quod sibi utile existimabant.</p> <p>IV. Volo in chartulis meis quaslibet ineptias scribere; commentari de</p>	<p>subornado um secretário para que tivesse acesso aos arquivos¹⁹ de Gamaliel. Lemos, nas histórias antigas²⁰, que um mestre-escola, que havia traído os filhos dos faliscos foi levado acorrentado às crianças, e abandonado junto àqueles que traíra; para que assim o povo romano mostrasse que não aceitava uma vitória resultante de um crime. Pirro, rei dos epirotas, quando se curava de um ferimento nos acampamentos, foi delatado por traição de seu médico. Fabrício julgou ímpio que ele fosse assassinado por essa traição; antes pelo contrário, reenviou o traidor ao seu senhor, para que tal crime, mesmo contra um inimigo, não recebesse aprovação. Quanto às leis do Estado, que os inimigos honram, que entre combates e armas são sagradas, entre monges e sacerdotes de Cristo não foram consideradas como tais. Até um deles, de sobrancelha franzida, estalando os dedos, ousa levantar a voz e dizer: “O que tem isso? Se comprou, se corrompeu? Fez o que foi útil para si.” Estranha defesa de um crime! Como se ladrões, assaltantes e piratas não fizessem o que é útil para si. Com certeza, Anás e Caifás seduzindo o infeliz Judas fizeram aquilo que consideravam que lhes convinha.</p>
--	---

¹⁹ Por muito tempo, acreditou-se que a palavra *charta* (no texto *chartas*) significava ‘uma folha de papiro’, pois esse era o sentido lato que os romanos atribuíam a ela. Não há dúvida, porém, de que no Egito, desde antes do século III antes de Cristo, a palavra *chartes* (κάρτης) designava o rolo. Em Jerônimo, *charta* é o termo empregado como ‘folha’, ou ‘papel’. No plural, *chartae* pode significar ‘arquivos’, como nesta ocorrência, correspondente ao francês *chartes* (ARNS, 2007, p. 22-24).

²⁰ Não se sabe com certeza em que autor se baseou São Jerônimo ao se referir à história de Pirro. NASCIMENTO (1995, p.82) apresenta um resumo com várias hipóteses e finalmente propõe o *Breviarium* de Eutrópio, que veio à luz por volta de 350, como a fonte mais provável de São Jerônimo.

<p>scripturis, remordere laedentes, digerere stomachum, in locis me exercere communibus, et quasi limatas ad pugnandum sagittas reponere : quamdiu non profero cogitata, et maledicta non crimina sunt, immo ne maledicta quidem quae aures publicae nesciunt. Tu corrumpas seruulos, sollicites clientes et, ut in fabulis legimus, auro ad Danaen penetres, dissimulatoque quod feceris me falsarium uoces, cum multo peius crimen accusando in te confitearis quam in me arguis? alius te hereticum, alius insimulat dogmatum peruersorum : taces, ipsi respondere non audes, interpretem laceras, de syllabis calumniaris, et totam defensionem tui putas si tacenti detrahas. Finge in transferendo uel errasse uel intermisisse me quippiam – hic totus tui negotii cardo uersatur, haec tua est defensio – : num idcirco tu non es hereticus si ego malus interpretes sim? nec hoc dico quod te hereticum nouerim –</p>	<p>IV. Quero escrever em meus papeizinhos²¹ todo o tipo de bobagens, refletir sobre as Escrituras, roer os que me ofendem, digerir o meu mau humor, me exercitar nos “lugares comuns” e, por assim dizer, reservar flechas bem limadas para o combate. Contanto que eu não exponha os meus pensamentos, mesmo que injuriosos, não há nenhum crime, e ainda mais que os ouvidos do público ignoram as injúrias. Que tu corrompas uns escravos de baixa categoria, subornes clientes e, como lemos nas fábulas, com ouro, penetres até junto de Dânae²² e, dissimulando o que fizeste me chames de falsário, quando com esta acusação confessarás em ti um crime muito maior do que aquele de que me incriminas. Há alguém que te acusa de herege, outro te acusa de doutrinas perversas; tu calas, não ousas responder-lhe, mas dilaceras um tradutor, fazes crítica de sílabas, e consideras que toda a tua defesa está em conseguires desfazer em alguém que fica calado. Imagina que, na minha tradução, me enganei ou que omiti algo – aqui se volta todo</p>
--	--

²¹ Traduzimos *chartulla* por ‘papeizinhos’. *Chartulla* é o diminutivo de *charta*, do grego κάρτης. Na maior parte das vezes, em São Jerônimo, o termo é usado como ‘pedacinho de papel’, ‘fichinha’, ‘folhinha’ e ‘rascunho’(ARNS, 2007, p. 22-24).

²² Dânae vem do grego Δανάη (Danáē). O nome está relacionado com a raiz indo-europeia *dānu*, “água”, pelo fato dessa heroína da mitologia grega ter sido lançada ao mar com o filho Perseu. Dânae é filha do rei de Argos, Acrísio, e de Eurídice, esta filha de Lacedêmon e de Esparto. Desapontado por não ter herdeiros masculinos, Acrísio procura um oráculo, o qual lhe respondeu que, mesmo se se escondesse no fim da Terra, seria morto pelo seu neto, filho de Dânae. A princesa ainda era virgem e, para que jamais tivesse um filho, o rei aprisionou-a numa torre de bronze (segundo a tradição, poderá tê-la escondido também num quarto subterrâneo, cujas paredes se ergueram em bronze, ou numa caverna), que manteve constantemente vigiada por seus guardas mais valorosos. Pretendia, assim, evitar que ela lhe desse um herdeiro, seu futuro assassino. Apesar de todos esses cuidados, Zeus, tomado de amores pela jovem e bela princesa, transmuta-se numa chuva de ouro, e penetra no edifício por um orifício no teto, caindo sobre o colo de Dânae, engravidando-a. Cf. MITOLOGIA HELÊNICA. *Dânae*. Disponível em: <https://mitologiahelenica.wordpress.com/2015/09/06/danae/>. Acesso em: 05 nov. 2019.

<p>sciat ille qui accusavit, nouerit ille qui scripsit – sed quo stultissimum sit accusatum ab alio alium criminari, et confosso undique corpore, de dormientis uulnere solatium quaerere.</p> <p>V. Hactenus sic locutus sum quasi aliquid de epistula commutarim, et simplex translatio possit errorem habere, non crimen. Nunc uero cum ipsa epistula doceat nihil mutatum esse de sensu, nec res additas, nec aliquod dogma confictum, “faciuntne intellegendo ut nihil intellegant”, et dum alienam inperitiam uolunt coarguere suam produunt. Ego enim non solum fateor, sed libera uoce profiteor me in interpretatione Graecorum absque scripturis sanctis, ubi et uerborum ordo mysterium est, non uerbum e uerbo, sed sensum exprimere de sensu. Habeoque huius rei magistrum Tullium, qui Protagoram Platonis et Oeconomicon Xenofontis et Aeschini et Demosthenis duas contra se orationes pulcherrimas transtulit. Quanta in illis praetermiserit, quanta addiderit, quanta mutauerit, ut proprietates alterius linguae suis proprietatibus explicaret, non est huius temporis dicere. Sufficit mihi ipsa translatoris auctoritas qui ita in prologo earundem orationum locutus est: “Putau</p>	<p>o eixo do teu interesse, aqui está a tua defesa – por acaso tu não és herege, pela simples razão de eu ser meu tradutor? E não digo isto porque te reconheça como herege – quem te acusou que o comprove, quem escreveu que o assumo –, mas porque é muitíssimo insensato que o acusado por um incrimine outro e que, com o corpo crivado de feridas por todos os lados, procure consolo, ferindo quem está dormindo.</p> <p>V. Até agora falei como se tivesse alterado algo da carta de origem, e que uma simples tradução poderia ter um erro, não um crime. Agora, na verdade, como a própria carta informa nada ter sido mudado a respeito do sentido, nem coisa acrescentada ou alguma opinião inventada “certamente, como nada entendem, se fazem de entendidos” e, enquanto querem demonstrar a falta de conhecimento alheia, revelam a sua. Eu, de fato, não só confesso, mas declaro livremente, que, na minha interpretação dos gregos, exceto nas Escrituras santas, onde também a ordem das palavras é um mistério, traduzo não palavra por palavra, mas sentido por sentido. E tenho como mestre desta arte Túlio, que traduziu “Protágoras”, de Platão, “Econômico”, de Xenofonte, e dois belíssimos discursos de Ésquines e de Demóstenes, um contra o outro. Quantas coisas nessas obras omitira, quantas acrescentara, quantas mudara, para que desenvolvesse as qualidades próprias da outra língua, nas suas particularidades, não</p>
--	---

<p>mihi suscipiendum laborem utilem studiosis, mihi quidem ipsi non necessarium. Conuerti enim ex Atticis duorum eloquentissimorum nobilissimas orationes, inter seque contrarias, Aeschini et Demosthenis ; nec conuerti ut interpres, sed ut orator, sentiis isdem et earum formis, tam quam figuris, uerbis ad nostram consuetudinem aptis. In quibus non pro uerbo uerbum necesse habui reddere, sed genus omnium uerborum uimque seruaui. Non enim me ea adnumerare lectori putauit oportere, sed tamquam adpendere”. Rursumque in calce sermonis: “quorum ego”, ait, “orationes si, ut spero, ita expressero, uirtutibus utens illorum omnibus, id est sentiis et earum figuris et rerum ordine, uerba persequens eatenus, ut ea non abhorreant a more nostro, quae si e Graecis omnia conuersa non erunt, tamen ut generis eiusdem sint elaborauimus”. Sed et Horatius, uir acutus et doctus, hoc idem in Arte Poetica erudito interpreti praecipit : “nec uerbum uerbo curabis reddere, fidus interpres”. Terentius Menandrum, Plautus et Caecilius ueteres comicos interpretati sunt: numquid haerent in uerbis, ac non decorem magis et elegantiam in translatione conseruant?</p>	<p>é ocasião de narrar. É suficiente para mim a autoridade desse mesmo tradutor, que, no prólogo dos já citados discursos, disse assim: “Julguei dever empreender um trabalho útil aos estudiosos, na verdade desnecessário a mim mesmo. Com efeito, traduzi os mais conhecidos discursos, um contra o outro, originários dos dois oradores áticos mais eloquentes, Ésquines e Demóstenes; não traduzi como tradutor, mas como orador, com as mesmas sentenças e formas das mesmas, tanto com as figuras quanto com as palavras adequadas ao nosso costume, nos quais não tive necessidade de transmitir palavra por palavra, mas conservei toda a semelhança natural e força das palavras. De fato, não pensei que devesse, ao leitor, contar as palavras, mas, pelo contrário, pesá-las”. Em seguida, no fim do prólogo dos discursos, diz “Se, como espero, traduzi os discursos servindo-me de todos os seus recursos, isto é, dos sentidos, das figuras de pensamento, de expressão e de construção, seguindo as palavras até o ponto que não se afastem do nosso gosto, mesmo se nem todas as que estavam no texto grego foram traduzidas, pelo menos nos esforçamos para que tivessem correspondência. Mas também Horácio, homem sutil e douto, isso mesmo recomenda ao tradutor erudito: “Não te preocupes em traduzir palavra por palavra, fiel tradutor²³”.</p>
--	--

²³ A expressão *fidus interpres* remete à tradução literal, palavra por palavra, em contraposição à tradução artística do *orator*, como promove Cícero. Essa expressão tem na tradição latina clássica um valor negativo.

<p>Quam uos ueritatem interpretationis, hanc eruditi κακοζηλίαν nuncupant. Vnde et ego doctus a talibus ante annos circiter uiginti, et simili tunc quoque errore deceptus, certe hoc mihi a uobis obiciendum nesciens, cum Eusebii Χρονικὸν in Latinum uerterem, tali inter cetera praefationem usus sum: "difficile est alienas lineas insequentem, non alicubi excidere, arduum ut, quae in alia lingua bene dicta sunt, eundem decorem in translatione conseruent. Significatum est aliquid unius uerbi proprietate: non habeo meum quo id efferam, et dum quaero implere sententiam longo ambitu uix breuis uiae spatia consummo. Accedunt hyperbatorum anfractus, dissimilitudines casuum, uarietates figurarum, ipsum postremo suum et, ut ita dicam, uernaculum linguae genus: si ad uerbum interpretor, absurde resonant; si ob necessitatem aliquid in ordine, uel in sermone mutauero, ab interpretis uidebor officio recessisse". Et post multa quae nunc prosequi otiosum est, etiam hoc addidi: "quodsi cui non uidetur linguae gratiam interpretatione mutari, Homerum ad uerbum exprimat in Latinum – plus aliquid dicam – , eundem sua in lingua prosae uerbis interpretetur:</p>	<p>Terêncio traduziu Menandro, Plauto e Cecílio traduziram os antigos cômicos. Por acaso se prendem às palavras e não será a graça e a elegância que conservam na tradução? Aquilo que vós designais por fidelidade em tradução, os eruditos chamam-lhe afetação, κακοζηλίαν (cacozelia). É por isso que, também eu, embora tenha aprendido com tais mestres, há cerca de vinte anos, iludido então por erro semelhante, e sem me dar conta de que vós me lançaríeis no rosto, ao traduzir para latim o Χρονικὸν (<i>Chronicon</i>) de Eusébio, entre outras considerações, no meu prefácio aduzi as seguintes: “é difícil a quem segue os trilhos alheios não se enganar em alguma parte; numa tradução custa muito para conservar a mesma elegância que aparece na expressão de outra língua. Exprime-se alguma coisa com propriedade por uma única palavra? Não tenho o direito de retirar seja o que for e, quando procuro preencher uma frase com um largo rodeio, desperdiço as vantagens de um caminho mais curto. Vêm os meandros dos hipérbatos, as dissemelhanças das regências, as diferenças formais, enfim, o gênio vernacular da língua, para chamar-lhe assim. Se traduzo palavra por palavra, ressoa como absurdo; se, por necessidade, modifico por pouco que seja a construção ou o estilo, parecerá que me demito da tarefa de tradutor”.</p>
--	--

No entanto, foi defendida para as traduções bíblicas pelos autores cristãos e, com Boécio, chegou a ser proposta para as traduções profanas (Cf. SCHWARZ, W. The meaning of *fidus interpres* in medieval translation. *The Journal of Theological Studies*, 45, 1944, p. 73-78; apud NASCIMENTO, 1995, p. 83).

uidebit ordinem ridiculum, et poetam eloquentissimum uix loquentem."

VI. Verum ne meorum scriptorum parua sit auctoritas – quamquam hoc tantum probare uoluerim me semper ab adulescentia non uerba sed sententias transtulisse – qualis super hoc genere praefatiuncula sit, in libro, quo beati Antonii uita describitur ipsius lectione cognosce: “ex alia in aliam linguam ad uerbum expressa translatio sensus operit, et ueluti laeto gramine sata strangulat. Dum enim casibus et figuris seruit oratio, quod breui poterat indicare sermone longo ambitu circumacta uix explicat. Hoc igitur ego uitans, ita beatum Antonium te petente transposui, ut nihil desit ex sensu, cum aliquid desit ex uerbis. Alii syllabas aucupentur et litteras, tu quaere sententias”. Dies me deficiet si omnium qui ad sensum interpretati sunt testimonia replicauero. Sufficit in praesenti nominasse Hilarium confessorem qui Homilias in Iob et in Psalmos tractatus plurimos in Latinum uertit e Graeco, nec

E, após numerosas considerações que seriam desnecessárias reproduzir agora, acrescentei também o seguinte: “se alguém não reconhece que a graciosidade de uma língua se altera na tradução, que traduza palavra por palavra Homero para latim; irei mais longe: traduza na sua própria língua, em prosa, esse autor: verá uma construção ridícula, e o mais eloquente poeta se expressando mal”.

VI. Em verdade, para que a autoridade dos meus escritos não seja pequena – embora apenas isto eu tenha desejado provar, que sempre, desde a minha juventude²⁴, traduzi não palavras, mas significados, examina de que natureza é, pela leitura do mesmo, o breve prefácio sobre esse assunto no livro em que é narrada a vida do abençoado Antônio: “a expressa tradução literal de uma língua para outra encobre o sentido, assim como os campos semeados sufocam-se com a erva abundante. De fato, no momento em que a linguagem se sujeita aos casos e às figuras, aquilo que ele poderia indicar com um discurso breve, explica, com dificuldade, por meio de uma longa circunlocução. Eu, evitando isso, portanto, traduzi desta maneira, a teu pedido, a vida do abençoado Antônio, de modo que nada falte ao sentido, ainda que falte algo às palavras. Que outros apanhem sílabas e letras; tu, procura as ideias”. Um dia inteiro não será suficiente, se eu quiser referir os testemunhos

²⁴ São Jerônimo se refere à tradução de *Chronicon*, realizada em 380.

<p>adsedit litterae dormitanti, et putida rusticorum interpretatione se torsit, sed quasi captiuos sensus in suam linguam, uictoris iure transposuit.</p> <p>VII. Nec hoc mirum in ceteris saeculi uidelicet aut Ecclesiae uiris, cum septuaginta interpretes, et euangelistae atque apostoli idem in sacris uoluminibus fecerint. Legimus in Marco dicentem Dominum: “talitha cumi”, statimque subiunctum: “quod interpretatur: puella, tibi dico, surge”. Arguite euangelistam mendacii, quare addiderit, “tibi dico”, cum in Hebraeo tantummodo sit</p>	<p>de todos aqueles que traduziram conforme o sentido. No momento presente, é suficiente nomear Hilário, o Confessor, que traduziu homilias sobre Jó e vários tratados sobre os Salmos, do grego para o latim, e não se ocupou constantemente com a sonolenta letra ou se contorceu por uma afetada tradução de incultos, mas como traduziu os significados para a sua língua, por direito do vencedor.</p> <p>VII. Isso evidentemente não surpreende nos restantes autores, tanto profanos quanto eclesiásticos, uma vez que os tradutores da <i>Septuaginta</i>²⁵, os evangelistas e os apóstolos fizeram o mesmo nos livros sagrados²⁶. Lemos em Marcos²⁷ que o Senhor disse: “<i>talitha cumi</i>”, e logo a seguir acrescenta: “o que se traduz por: “menina”, eu te digo, “levanta-te”. Acusai o evangelista de falsidade por ter acrescentado “eu te digo”, já que no hebraico</p>
--	--

²⁵ *Septuaginta* ou LXX: nome dado à tradução dos livros do Antigo Testamento, escritos em hebraico e aramaico, para o grego koiné. Segundo a tradição, o faraó Ptolomeu II solicitou ao seu bibliotecário, Demétrio, a tradução da Bíblia para o grego, para incluí-la na biblioteca de Alexandria, que deveria conter uma cópia de cada livro do mundo. A tradução teria ocorrido em etapas, entre os sécs. III e I a.C (entre 250 e 100 a.C.). Existem duas versões para o fato: uma diz que a tradução teria sido feita por 72 estudiosos, seis para cada uma das 12 tribos de Israel, e que essa tradução teria durado 72 dias. Noutra versão, 70 homens a teriam realizado e, dessa forma, traça-se um paralelo com os 70 líderes que estiveram com Moisés para, primeiramente, receber as tábuas da Lei no monte Sinai (Ex 24) e, depois, ajudá-lo no fardo de conduzir o povo descontente (Nm 11), ou com os setenta discípulos enviados por Jesus (Lc 10; Mt 10). Seja como for, a tradução da Bíblia conhecida como *Septuaginta* (lat. “setenta”) tornou-se a versão grega padrão das Escrituras, tendo sido usada pelos primeiros cristãos, inclusive para fazer citações do Antigo Testamento, e adquiriu grande prestígio entre os cristãos, que logo a consideraram a versão cristã da Bíblia. No séc. II, porém, os judeus adotaram três novas traduções para o grego: as dos estudiosos judeus Áquila, Símaco e Teodocião (diz-se que a tradução mais elegante e mais agradável é a de Símaco). A versão oficial judaica da Bíblia foi estabelecida após a conclusão da *Septuaginta*, o que resultou em algumas diferenças entre elas: a principal divergência é o fato de a *Septuaginta* conter livros que não fazem parte da Bíblia hebraica padrão, que permanece a mesma desde o séc. II. Para mais informações sobre a *Septuaginta*, consultar MILLER; HUBER, 2006.

²⁶ Pela etimologia, a palavra *uolumen* está estritamente ligada à forma do livro que chamamos de “rolo”. *Voluere* ‘rolar’ e seus compostos tornaram-se termos técnicos para a manipulação desta forma de manuscrito. São Jerônimo emprega *uolumen* sobretudo para se referir às Sagradas Escrituras (ARNS, 2007, p.102).

²⁷ Mt 5, 41.

<p>“puella, surge”; sed ut ἐμφατικώτερον faceret et sensum uocantis et imperantis exprimeret, addidit, “tibi dico”. Rursum in Matheo redditis a proditore Iuda triginta argenteis, et empto ex eis agro figuli scribitur: "Tunc inpletum est, quod scriptum est per prophetam Hieremiam dicentem: et acceperunt triginta argenteos pretium adpretiati, quem adpretiauerunt a filiis Isrhael, et dederunt eos in agrum figuli, sicut constituit mihi Dominus". Hoc in Hieremia penitus non inuenitur, sed in Zacharia aliis multo uerbis ac toto ordine discrepante; uulgata quippe editio ita se habet: "et dicam ad eos: si bonum est coram uobis, date mercedem mihi aut renuite. Et adpenderunt mercedem meam triginta argenteos. Dixitque Dominus ad me: pone illos in conflatorio et considera si probatum sit, sicut probatus sum ab eis. Et tuli triginta argenteos et misi eos in domo Domini in conflatorio". Quantum distet ab euangelistae testimonio Septuaginta translatio, perspicuum est. Sed et in Hebraeo, cum sensus idem sit, uerba praepostera sunt et paene diuersa :</p>	<p>está apenas: “menina, levanta-te”; pelo contrário, para tornasse mais enfático (ἐμφατικώτερον) e exprimisse o sentido do apelo e da ordem acrescentou “eu te digo”. Em seguida, em Mateus²⁸, devolvidas as trinta moedas de prata pelo Judas traidor, e comprado o campo do oleiro através delas, está escrito: “então cumpriu-se o que foi escrito pelo profeta Jeremias ao dizer: eles receberam as trinta moedas de prata, meu preço avaliado pelos filhos de Israel, e deram-nas pelo campo do oleiro, como o Senhor me determinou”. Isso não se encontra de forma alguma em Jeremias, mas em Zacarias, por outras palavras e com valor completamente diferente. O teor²⁹ do texto da Vulgata³⁰ tem realmente o seguinte: “e dir-lhes-ei: se está bem perante vós, dai-me o pagamento ou recusai. E avaliaram o meu pagamento em trinta moedas de prata. E o Senhor me disse: põe-nas na fundição e examina com cuidado se o metal é aprovado, assim como fui aprovado por eles. E peguei as trinta moedas de prata e coloquei-as no cadinho da casa do Senhor”. É perceptível o quanto se afasta do texto do evangelista a tradução da <i>Septuaginta</i>. Mas, também, no hebraico visto que o sentido é o mesmo, as</p>
--	--

²⁸ Mt 27, 9-10.

²⁹ *Editio* é uma palavra empregada em São Jerônimo basicamente para se referir ao texto das Escrituras. Não se refere ao objeto material, constituído pela massa dos exemplares publicados ao mesmo tempo (que traduziríamos literalmente por “edição”), mas é usada somente para designar a própria substância, o teor do próprio texto (ARNS, 2007, p. 106, n.1. A nota é baseada em MARROU, H.-I *Saint Augustin et la fin de la culture antique*. Paris, 1946, p.211).

³⁰ Trata-se da Vulgata grega, a κοινή. O termo “vulgata” deriva-se de *uulgus* ‘povo’. Portanto, a denominação da Bíblia como Vulgata estava ligada à ideia de uma versão acessível ao povo.

<p>"et dixi" , inquit, "ad eos: si bonum est in oculis uestris, adferite mercedem meam ; et si non, quiescite. Et adpenderunt mercedem meam triginta argenteos. Et dixit Dominus ad me: proice illud ad statuarium, decorum pretium quod adpretiatus sum ab eis. Et tuli triginta argenteos, et proieci eos in domo Domini ad statuarium". Accusent apostolum falsitatis, quod nec cum Hebraico nec cum septuaginta congruat translatoribus, et, quod his maius est, erret in nomine – pro Zacharia quippe Hieremiam posuit –; sed absit hoc de pedisequo Christi dicere, cui curae fuit non uerba et syllabas aucupari, sed sententias dogmatum ponere. Veniamus ad aliud eiusdem Zachariae testimonium, quod Iohannes euangelista sumpsit iuxta hebraicam ueritatem: "uidebunt in quem compunxerunt", pro quo in Septuaginta legimus: καὶ ἐπιβλέψονται πρὸς με, ἀνθ' ὧν ἐνωρχήσαντο, quod interpretati sunt Latini: "et aspicient ad me pro his quae inluserunt", siue "insultauerunt." Discrepat euangelista et Septuaginta nostraque translatio, et tamen sermonum</p>	<p>palavras estão invertidas, e são quase diferentes: “E eu disse a eles, se está bem a vossos olhos, trazei o meu pagamento; caso contrário, ficai tranquilos. E avaliaram a meu pagamento em trinta moedas de prata. E o Senhor me disse: lançai isso para o estatuário; preço correspondente ao que fui avaliado por eles. E peguei as trinta moedas de prata e joguei-as na casa do Senhor para o estatuário”. Que acusem o apóstolo de infidelidade, por não estar de acordo nem com o hebraico nem com os tradutores da <i>Septuaginta</i>, e, pior ainda, por se enganar no nome, pois tomou Zacarias por Jeremias; mas, longe de dizer isso de um discípulo de Cristo, cujo cuidado não foi andar à cata de palavras ou sílabas, mas estabelecer as máximas dos preceitos. Passemos a outro testemunho ainda do mesmo Zacarias que o evangelista João adotou conforme o original hebraico³¹: “olharão para aquele que feriram”; em vez disto, na <i>Septuaginta</i> lemos: καὶ ἐπιβλέψονται πρὸς με, ἀνθ' ὧν ἐνωρχήσαντο, que em latim foram traduzidos: "e olharão para mim à maneira dos que zombaram" ou "insultaram". Diverge a tradução do evangelista, a da <i>Septuaginta</i> e a nossa; contudo, a variedade das palavras</p>
--	--

³¹ Literalmente ‘a verdade hebraica’ (*Hebraica veritas*). Em outras cartas, além desta, São Jerônimo se referiu à necessidade da tradução a partir do hebraico: “o que os tradutores da *Septuaginta* traduziram, por sua antiguidade, deve ser cantado nas igrejas, mas este outro texto deve ser compreendido pelos eruditos pelo conhecimento das Escrituras” (*Ep.* 106). Para elucidar várias passagens da Bíblia, São Jerônimo percebeu que precisava consultar os originais em grego e hebraico. Essa necessidade foi expressamente manifestada nas cartas exegéticas que ele trocou com o Papa Dâmaso (*Ep.* 18 A e B, *Ep.* 19, *Ep.* 20, *Ep.* 21, *Ep.* 35 e *Ep.* 36) (CAIN, 2009, p. 53-67). A justificativa da tradução através do hebraico está presente igualmente nos prefácios aos livros do Evangelho e nos comentários sobre os livros do Evangelho.

<p>uarietas spiritus unitate concordat. In Matheo quoque legimus dominum praedicantem apostolis fugam, et hoc ipsum Zachariae testimonio confirmantem: “scriptum est”, ait, “percutiam pastorem et oves dispergentur”. At in Septuaginta et in Hebraeo multo aliter est; non enim ex persona Dei dicitur, ut euangelista uult, sed ex prophetae Deum patrem rogantis: "percute pastorem et dispergentur oves." In hoc, ut arbitror, loco iuxta quorundam prudentiam euangelista piaculi reus est, quod ausus sit prophetae uerba ad Dei referre personam. Scribit supra dictus euangelista ad angeli monitum tulisse Ioseph paruolum et matrem eius, et intrasse in Aegyptum, ibique mansisse usque ad obitum Herodis, ut inpleretur quod dictum est a domino per prophetam: "ex Aegypto uocaui filium meum." Hoc nostri codices non habent, sed in Osee iuxta Hebraicam scribitur ueritatem: "quia puer Israhel dilexi eum, et ex Aegypto uocaui filium meum". Pro quo et in eodem loco Septuaginta transtulerunt: "quia paruulus est Israhel, et dilexi eum, et ex Aegypto uocaui filios eius." Num omnino repudiandi sunt qui istum locum, quia ad Christi maxime pertinet sacramentum, aliter transtulerunt, an danda potius uenia ut hominibus iuxta sententiam Iacobi</p>	<p>concorda com a unidade do espírito. Também em Mateus, lemos que o Senhor ao predizer a fuga aos apóstolos, e ao confirmar isso mesmo com o testemunho de Zacarias diz: “está escrito, abaterei o pastor e as ovelhas serão dispersas”. Ora, na <i>Septuaginta</i> e em hebraico, há algo muito diferente; de fato, não se fala em nome de Deus, como quer o evangelista, mas, em nome do profeta que roga a Deus Pai: “abate o pastor e as ovelhas serão dispersas”. Nesse passo, julgo, conforme a compreensão de alguns, que o evangelista é réu de sacrilégio por ousar atribuir as palavras do profeta à pessoa de Deus. Escreve o evangelista referido acima que José, avisado pelo anjo, tomou o pequenino e sua mãe e entrou no Egito e aí se manteve até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que foi dito pelo Senhor através do profeta: “do Egito chamei o meu filho”. Os nossos códices não têm isso, mas segundo a versão do original hebraico está escrito no profeta Oseias: “porque Israel era uma criança eu o amei, e do Egito chamei o meu filho”. Em vez disso, no mesmo passo, os tradutores da <i>Septuaginta</i> traduziram: “porque Israel é uma criancinha, eu o amei, e chamei do Egito os seus filhos”. São porventura de repudiar de um modo geral os que nessa passagem, que se refere sobretudo ao mistério de Cristo, traduziram de outro modo, ou antes deve ser dado perdão aos homens, conforme a afirmação de Tiago que diz: “Todos nós</p>
---	--

<p>dicentis: "multa peccamus omnes ; et si quis in uerbo non peccat, iste perfectus est uir, potens refrenare omne corpus" ? Illud uero quod in eodem euangelista scribitur: "Et ueniens habitauit in ciuitate quae dicitur Nazareth, ut inpleretur quod dictum est per prophetam, quia Nazaraeus uocabitur", respondeant logodaedali et fastidiosi aestimatores omnium tractatorum ubi legerint; discantque in Isaia positum. Nam in eo loco ubi nos legimus atque transtulimus: "et exiet uirga de radice Iesse et flos de radice conscendet": in Hebraeo iuxta linguae illius ἰδίωμα ita scriptum est: "exiet uirga de radice Iesse et Nazaraeus de radice eius crescet". Cur hoc omiserunt Septuaginta? si non licet uerbum transferre pro uerbo, sacrilegium est uel celasse uel ignorasse mysterium.</p> <p>VIII. Transeamus ad cetera – neque enim epistolae breuitas patitur diutius singulis morari –; idem Matheus loquitur: "hoc autem totum factum est ut conpleretur a Domino quod dictum est per prophetam dicentem: ecce uirgo in utero habebit et pariet filium, et uocabunt nomen eius Emmanuhel". Quod Septuaginta transtulerunt: "ecce uirgo in utero accipiet et pariet filium, et uocabitis nomen eius</p>	<p>peccamos muito, e se alguém não peca por palavras, esse homem é perfeito, podendo refrear todo o corpo?" Quanto, porém, àquilo que no mesmo evangelista está escrito: "e ao regressar habitou na cidade que se chama Nazaré, para se cumprir o que foi dito pelo profeta que ele se chamaria Nazareno", respondam os logodédalos³² e os fastidiosos críticos de todos os tratados para dizerem onde leram isto e saibam que está em Isaías. Com efeito, no mesmo local onde lemos e traduzimos: "e um ramo sairá da raiz de Jessé e uma flor subirá da raiz". Em hebraico, de acordo com a própria expressão da língua (ἰδίωμα), está escrito: "e um ramo sairá da raiz de Jessé e o Nazareno crescerá da raiz dele". Por que omitiram isso os tradutores da <i>Septuaginta</i>? Se não é permitido traduzir palavra por palavra, é um sacrilégio tanto esconder como ignorar o mistério.</p> <p>VIII. Passemos às coisas restantes; com efeito, nem a brevidade da epístola consente que nos demoremos por mais tempo em aspectos particulares. O mesmo Mateus exprime-se assim: "tudo isto, porém, aconteceu para que fosse cumprido o que foi dito pelo Senhor através do profeta, que diz: "eis que uma virgem terá no ventre um filho e dará a luz a ele, e irão chamá-lo de Emanuel". Os tradutores da <i>Septuaginta</i> traduziram "uma</p>
---	---

³² A palavra tem por base Dédalo que cinzelava a madeira e os metais com grande habilidade e perfeição de pormenores. Originariamente, foi Cícero (*Orat.* 12, 39) quem a tomou do *Fedro* de Platão (NASCIMENTO, 1995, p.85).

<p>Emmanuhel." Si uerba calumniantur, utique non est ipsud 'habebit', et 'accipiet', nec 'uocabunt' et 'uocabitis'. Porro in Hebraeo ita scriptum legimus: "ecce uirgo concipiet et pariet filium, et uocabit nomen eius Emmanuhel." Non Achaz, qui arguebatur infidelitatis, non Iudaei, qui erant Dominum negaturi, sed uocabit, inquit, ipsa quae concipiet, ipsa uirgo quae pariet. In eodem euangelista legimus Herodem aduentu magorum fuisse turbatum, scribisque et sacerdotibus congregatis, sciscitatum ab eis ubi Christus nasceretur, illosque respondisse: "in Bethlem Iudae; sic enim scriptum est in propheta: et tu, Bethlem, terra Iuda, nequaquam minima es in ducibus Iuda; de te enim egredietur dux, qui regat populum meum Israhel." Hoc exemplum in uulgata editione sic fertur: "et tu, Bethlem, domus Efratha, modicus es, ut sis in milibus Iuda; de te mihi egredietur ut sit princeps in Israhel." Quanta inter Matheum et Septuaginta uerborum ordinisque discordia magis hoc admiraberis, si Hebraicum uideas in quo scriptum est: "et tu, Bethlem Efratha, paruulus es in milibus Iuda; ex te mihi egredietur qui sit dominator in Israhel." Considera gradatim quae ab euangelista sint posita: "et tu, Bethlem, terra Iuda": pro 'terra Iuda' in Hebraico habet</p>	<p>virgem receberá um filho no seu ventre e dará a luz a ele, e vós o chamareis pelo nome de Emanuel". Se fizermos uma análise cuidadosa das palavras, não é certamente "terá" e "receberá", nem "irão chamá-lo" e "vós o chamareis". O fato é que em hebraico lemos textualmente: "eis que a Virgem conceberá e dará à luz a um filho, e dar-lhe-á o nome de Emanuel". Não era Acaz, que era acusado de incredulidade, nem os judeus que haviam de negar o Senhor, mas quem dará o nome, diz, é aquela que conceberá, a própria Virgem que dará à luz. No mesmo euangelista lemos que Herodes ficou perturbado pela chegada dos magos, e que, reunindo escribas e sacerdotes, perguntou-lhes onde nasceria Cristo, e que eles responderam: "em Belém, de Judá; assim, com efeito, está escrito pelo profeta: e tu, Belém, terra de Judá, não és de modo nenhum a menor entre os comandantes de Judá porque, de ti sairá o comandante que apascentará o meu povo de Israel". Esse texto é dado na edição da Vulgata do seguinte modo: "e tu, Belém, casa de Efrata, tu és pequena para que estejas nas milhares de Judá: de ti sairá para mim um que seja príncipe em Israel". Se é enorme a divergência que há entre Mateus e a <i>Septuaginta</i> quanto às palavras e ao seu valor, maior estranheza sentirás se vires o que está escrito em hebraico: "e tu, Belém de Efrata, és pequenina nas milhares de Judá; de ti sairá para mim aquele que seja dominador em Israel".</p>
--	---

‘Efratha’, in Septuaginta, ‘domus Efratha’; "nequaquam minima es in ducibus Iuda": in Septuaginta legitur ‘modicus es ut sis in milibus Iuda:’ in Hebraeo, ‘paruulus es in milibus Iuda’, sensusque contrarius, Septuaginta sibi in hoc dumtaxat loco et Hebraico concordante. Euangelista enim dixit quod non sit paruulus in ducibus Iuda, cum e regione sit positum: paruulus quidem es et modicus; sed tamen de te mihi paruulo et modico egredietur dux Israhel secundum illud Apostoli: “elegit infirma mundi Deus ut confundat fortia”. Porro, quod sequitur: "qui regat" – uel ‘qui pascat’ – "populum meum Israhel", aliter in propheta esse perspicuum est.

IX. Haec replico non ut euangelistas arguam falsitatis – hoc quippe inpiorum est, Celsi, Porphyrii, Iuliani –, sed ut reprehensores meos arguam inperitiae, et inpetrem ab eis ueniam, ut concedant mihi in simplici epistola, quod in scripturis sanctis, uelint nolint, apostolis concessuri sunt. Marcus, discipulus Petri, ita suum orditur euangelium: "principium euangelii Iesu Christi, sicut scriptum est

Analisa, uma de cada vez, as expressões usadas pelo evangelista: “e tu, Belém, terra de Judá” está por “terra de Judá”; em hebraico está “Efrata”, na *Septuaginta* “casa de Efrata”; “de modo algum és a menor de todas entre os comandantes de Judá”: na *Septuaginta* se lê “modesta és para que estejas nas milhares de Judá”, em hebraico, “és pequenina nas milhares de Judá” e o sentido é diferente, se bem que a *Septuaginta* e o hebraico concordem nesse passo. O evangelista, com efeito, disse que não é pequenina entre as chefias de Judá, uma vez que da região se coloque: “pequenina de fato és e modesta; todavia, de ti, pequenina e modesta, sairá para mim o chefe de Israel”, segundo o Apóstolo: “escolheu Deus o que é fraco no mundo para que confunda os fortes”. Além disso, o que se segue: “que reja” ou “que apascente o meu povo de Israel”, é evidente que no profeta está expresso de outro modo.

IX. Trago de volta essas coisas não para que acuse de infidelidade os evangelistas – isso sem dúvida é de ímpios, de Celso, Porfírio, Juliano –, mas para que acuse os meus críticos de imperícia e para que obtenha deles a permissão que me concedam numa simples carta, o que nas Santas Escrituras, queiram ou não queiram, foi concedido aos apóstolos. Marcos, discípulo de Pedro, começa assim o seu Evangelho: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, conforme está escrito no profeta Isaías: eis que envio diante de ti o meu anjo,

<p>in Isaia propheta: ecce mitto angelum meum ante faciem tuam qui praeparabit uiam tuam. Vox clamantis in deserto: parate uiam Domini, rectas facite semitas eius." Hoc exemplum de duobus prophetis conpositum est, de Malachia uidelicet et Isaia. Nam primum, quod dicitur: "ecce mitto angelum meum ante faciem tuam qui praeparabit uiam tuam", in Malachiae fine positum est; sequens autem quod infertur: "uox clamantis in deserto," et cetera, in Isaia legimus. Et quomodo Marcus statim in principio uoluminis sui posuit: "sicut scriptum est in Isaia Propheta: ecce mitto angelum meum", quod scribitur in Isaia, ut diximus, sed in Malachia nouissimo duodecim prophetarum? Soluat hanc quaestiunculam inperita praesumptio, et ego erroris ueniam deprecabor. Idem Marcus inducit ad pharisaeos saluatorem loquentem: "numquam legistis quid fecerit Dauid, quando necessitatem habuit et esuriuit ipse et socii eius, quomodo ingressus est domum Dei sub Abiathar pontifice, et panes propositionis comedit</p>	<p>que preparará o teu caminho. A voz daquele que clama no deserto³³: preparaí o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas". Esse texto é formado a partir de dois profetas, de Malaquias e Isaías. Com efeito, o que se diz em primeiro lugar: "eis que envio diante da tua face o meu anjo que preparará o teu caminho", está escrito no fim de Malaquias; o que se segue, porém, "a voz daquele que clama no deserto", etc, lemos em Isaías. E como Marcos pôs no princípio do seu livro: "assim como está escrito no profeta Isaías "eis que envio o meu anjo" que, como dissemos, não está escrito em Isaías, mas em Malaquias, o último dos doze profetas? Que resolva esse pequeno problema a presunção ignorante; quanto a mim, solicitarei indulgência para um engano. O mesmo Marcos apresenta o Salvador aos fariseus³⁴, dizendo: "nunca lestes o que fez Davi quando teve necessidade, e ele próprio e seus companheiros estavam passando fome, como entrou na casa de Deus, quando Abiatar era pontífice, e comeu os pães de proposição dos quais não era permitido comer senão os sacerdotes"? Leiamos Samuel ou, como são comumente intitulados os <i>Livros dos Reinos</i>³⁵,</p>
---	--

³³ Jo, I, 23. A expressão é usada em relação à pessoa cuja pregação não é ouvida.

³⁴ Fariseus: partido religioso judaico, cujos membros se dedicavam ao estudo e à observância da Lei de Moisés e de suas tradições, especialmente o sábado, a pureza ritual e os dízimos. Embora fossem defensores da teocracia, eram moderados frente ao domínio romano, se comparados à forte oposição dos zelotes e ao apoio dos saduceus. Acreditavam na existência dos anjos, na ressurreição e na imortalidade (Mt 22,23-33; At 23,6-10). Gozavam de grande prestígio e liderança junto ao povo. Jesus condenava a soberba e a hipocrisia dos fariseus (Mt 23, 13-36).

³⁵ *Livros dos Reinos* (*Libri Regnorum*): tradução literal do título βιβλία βασιλείων da *Septuaginta*, usada pelas versões latinas antigas. Na *Vulgata*, São Jerônimo retoma a designação hebraica para os "livros dos Reinos": *libri Regum*, "livros dos Reis". A palavra βιβλία (*bíblia*) não aparece na Bíblia. Ela vem do nome do porto marítimo de Byblos (em grego Βύβλος), cidade fenícia que era um importante centro produtor de

<p>quibus non licebat uesci nisi solis sacerdotibus"? legamus Samuhelem – siue, ut in communi habetur titulo, Regnorum libros – ibique repperiemus non ‘Abiathar’ scriptum esse, sed ‘Achimelech’ pontificem, qui postea a Doeg cum ceteris sacerdotibus Saul iubente percussus est. Pergamus ad apostolum Paulum. Scribit ad Corinthios: "Si enim cognouissent, numquam Dominum maiestatis crucifixissent. Sed, sicut scriptum est: quod oculus non uidit nec auris audiuit nec in cor hominis ascenderunt, quae praeparauit Deus diligentibus se." Solent in hoc loco apocryphorum quidam deliramenta sectari, et dicere quod de Apocalypsi Heliae testimonium sumptum sit, cum in Isaia iuxta Hebraicum ita legatur: "a saeculo non audierunt neque auribus perceperunt. Oculus non uidit, Deus, absque te, quae praeparasti exspectantibus te". Hoc Septuaginta multo aliter transtulerunt: "a saeculo non audiuius, neque oculi nostri uiderunt Deum absque te, et opera tua uera, et facies</p>	<p>e aí encontraremos escrito no texto como pontífice não Abiatar, mas Aquimeleque, que foi posteriormente decapitado por Doeque, juntamente com os outros sacerdotes, por ordem de Saul. Passemos ao apóstolo Paulo. Escreve aos Coríntios: “se eles o tivessem conhecido nunca teriam crucificado o Senhor da majestade, mas como está escrito: aquilo que o olhar não viu nem o ouvido escutou nem subiu ao coração do homem são essas as coisas que Deus preparou para aqueles que o amam”. Alguns costumam seguir nesse passo as loucuras dos apócrifos e dizer que o texto é uma citação tomada do <i>Apocalipse</i> de Elias³⁶, quando em Isaías, conforme a versão hebraica, lê-se o seguinte: “em nenhuma época eles ouviram ou entenderam com os ouvidos. O olho não viu, ó Deus, exceto a ti, o que preparaste para aqueles que te esperam”. Os tradutores da <i>Septuaginta</i> traduziram isso de modo muito diferente: “em época nenhuma ouvimos; nem os nossos olhos viram Deus sem ti, e as tuas obras são verdadeiras e farás misericórdia àqueles que te esperam”. Reconhecemos de onde o Apóstolo tirou o seu texto e, no entanto, ele não traduziu palavra por</p>
---	---

rolos de papiro. Com o tempo, a palavra *biblos* passou a significar “livro”. *Biblia* (βιβλία) é a forma plural de *biblion* (βιβλίον), diminutivo de *biblos*. A Bíblia é, portanto, uma coleção de livros (MILLER; HUBER, 2003, p. 20-21).

³⁶ O *Apocalipse de Elias* é um apócrifo dos séculos I e II; dele são conhecidos apenas alguns fragmentos, conservados por Orígenes, Epifânio, entre outros (LABOURT, 2002, p. 67). Jerônimo aproveita aqui, sem mencionar, o *Comentário a Mateus*, 27,9, de Orígenes, que salienta a dependência de 1Cor 9 em relação ao *Apocalipse de Elias*. São Jerônimo nega que os autores do Novo Testamento tenham-se servido de apócrifos anteriores e salienta que os apóstolos e os evangelistas reproduzem os textos do Antigo Testamento sem estarem atrelados a uma tradução palavra por palavra. No que se refere a Isaías (no caso presente, *Is* 64,4) essa defesa é feita no seu *Comentário a Isaías* (NASCIMENTO, 1995, p.86).

<p>expectantibus te misericordiam". Intellegimus unde sumpsit testimonium, et tamen Apostolus non uerbum expressit e uerbo, sed παραφρασικῶς eundem sensum aliis sermonibus indicauit. In epistola ad Romanos idem beatus Apostolus exemplum de Isaia propheta sumens: "ecce", inquit, "ponam in Sion lapidem offensionis et petram scandali". Discordat a translatione ueteri, et tamen cum Hebraica ueritate concordat. In Septuaginta enim contrarius sensus est: "non ut lapidi offensionis occurretis neque ut petrae ruinae", cum apostolus quoque Petrus Hebraeis Pauloque consentiens ita posuerit: "incredulis autem lapis offensionis et petra scandali". Ex quibus uniuersis perspicuum est apostolos et euangelistas in interpretatione ueterum scripturarum sensum quaesisse, non uerba, nec magnopere de ordinatione sermonibusque curasse cum intellectui res paterent.</p> <p>X. Lucas, uir apostolicus et euangelista, scribit Stephanum, primum Christi Martyrem, in Iudaica contentione narrantem: "in septuaginta quinque animabus descendit Iacob in Aegyptum, et defunctus est ipse et patres nostri, et translati sunt in Sychem; et positi sunt in sepulchro quod emit Abraham pretio</p>	<p>palavra, mas por paráfrase (παραφρασικῶς) indicou o mesmo sentido por outras expressões. Na Epístola aos Romanos, o mesmo santo apóstolo disse, empregando o passo do profeta Isaías: "eis que eu colocarei em Sião uma pedra de tropeço e uma rocha de escândalo". Difere da tradução antiga e, no entanto, concorda com o original hebraico. Na <i>Septuaginta</i>, com efeito, o sentido é diferente: "não correreis em direção à pedra de tropeço nem à rocha de perdição", enquanto que o apóstolo Pedro de acordo com o hebraico e com Paulo colocou assim: "contudo, para os incrédulos, é uma pedra de tropeço e uma rocha de escândalo". A partir de tudo isso, fica claro que os apóstolos e os evangelistas, ao traduzirem as Antigas Escrituras, procuraram o sentido e não as palavras e que não se preocuparam demasiadamente com a construção de frases e com os termos, desde que o assunto ficasse evidente à compreensão.</p> <p>X. Lucas, homem apostólico e evangelista, descreve Estêvão, o primeiro mártir de Cristo, narrando numa assembleia judaica: "Jacó desceu ao Egito com setenta e cinco almas; e ele morreu, e os nossos pais foram levados a Siquém e colocados no sepulcro que Abraão comprou, por um valor em prata, dos filhos de Emor, pai de Siquém". No Gênesis, esse passo se encontra de modo muito diferente, porque Abraão teria comprado de Efrom, o heteu, filho de Saar, perto de Hebron, por quatrocentas</p>
---	---

<p>argenti a filiis Emmor, filii Sychem.” Hic locus in Genesi multo aliter inuenitur, quod scilicet Abraham emerit ab Efron Chetheo, filio Saar, iuxta Chebron quadringentis didragmis argenti speluncam duplicem et agrum circa eam, sepelieritque in ea Sarram uxorem suam. Atque in eodem libro postea legimus reuertentem de Mesopotamia Iacob cum uxoribus et filiis suis posuisse tabernaculum ante Salem, urbem Sicimorum, quae est in terra Chanaan et habitasse ibi, et emisse partem agri, in quo habebat tentoria, ab Emmor patre Sychem centum agnis, et statuisset ibi altare et inuocasse ibi deum Israhel. Abraham non emit specum ab Emmor patre Sychem, sed ab Efron, filio Saar; nec sepultus est in Sychem, sed in Chebron, quae corrupte dicitur Arboc. Duodecim autem patriarchae non sunt sepulti in Arboc, sed in Sychem, qui ager non est emptus ab Abraham, sed a Iacob. Differo solutionem et istius quaestiunculae, ut obtrectatores mei quaerant et intellegant non uerba in scripturis consideranda, sed sensum. Vicesimi primi psalmi iuxta Hebraeos id ipsum exordium est, quod Dominus est locutus in cruce: “heli heli lama zabtani”, quod interpretatur: “Deus, Deus meus, quare me dereliquisti?” reddant rationem, cur septuaginta translatores</p>	<p>dracmas de prata, uma gruta dupla e o campo ao redor dela, e nela teria sepultado Sara, sua esposa. E ainda no mesmo livro, depois lemos que Jacó, voltando da Mesopotâmia, com suas esposas e filhos, estabeleceu sua tenda diante de Salém, a cidade dos siquemitas, que está na terra de Canaã, e aí habitou e comprou de Emor, pai de Siquém, por cem cordeiros, uma parte do campo em que possuía barracas, e aí construiu um altar e invocou o Deus de Israel. Abraão não comprou a gruta de Emor, pai de Siquém, mas de Efrom, filho de Saar, nem foi ele sepultado em Siquém, mas em Hebron, que, de modo corrupto, se chama Arboc. Ora, os doze patriarcas não foram sepultados em Arboch, mas em Siquém, campo que foi comprado não por Abraão, mas por Jacó. Deixo para outro momento a solução desta questão de pouca importância, para que meus detratores a procurem e compreendam que não são as palavras que devem ser consideradas nas Escrituras, mas o sentido. Segundo os hebreus, o exato início do vigésimo primeiro salmo é o que o Senhor disse na cruz: “heli, heli, lamma azabthani”, que significa “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” Que deem a razão por que os tradutores da <i>Septuaginta</i> intercalaram “volta o olhar sobre mim”, pois traduziram deste modo: “Deus, meu Deus, volta o olhar sobre mim, por que me abandonaste?” Responderão, sem dúvida, que não há nenhum prejuízo no sentido se são</p>
---	--

<p>interposuerint, ‘respice me’. Ita enim uerterunt: “Deus, Deus meus, respice me, quare me dereliquisti”? respondebunt utique nihil in sensu damni esse, si duo uerba sint addita. Audiant et a me non periclitari ecclesiarum statum, si celeritate dictantis, aliqua uerba dimiserim.</p> <p>XI. Longum est nunc euoluere quanta Septuaginta de suo addiderint, quanta dimiserint, quae in exemplaribus ecclesiae obelis asteriscisque distincta sunt. Illud enim quod legimus in Isaia: “beatus qui habet semen in Sion et domesticos in Hierusalem”, solent Hebraei ridere cum audierint, nec non et in Amos post descriptionem luxuriae: “stantia putauerunt haec et non fugientia.”</p> <p>Re uera sensus rhetoricus et declamatio Tulliana; sed quid faciemus ad authenticos libros, in quibus haec non feruntur adscripta et cetera his similia? quae si proferre nitamur, infinitis libris opus est. Porro quanta dimiserint uel asterisci, ut dixi, testes sunt uel nostra interpretatio, si a diligenti lectore translationi ueteri conferatur; et tamen iure Septuaginta editio obtinuit in ecclesiis, uel quia prima est et ante Christi fertur aduentum, uel quia ab apostolis, in quibus tamen ab Hebraico non discrepat, usurpata. Aquila autem, proselytus et contentiosus interpres, qui non solum</p>	<p>acrescentadas duas palavras – que eles saibam também que a situação das Igrejas não seria colocada em perigo por mim, se, na pressa de ditar, eu omitisse algumas palavras.</p> <p>XI. Seria longo desenvolver agora quantas coisas os tradutores da <i>Septuaginta</i> acrescentaram de seu, ou quantas omitiram, que se encontram distintas com óbelos e asteriscos nos exemplares da Igreja. Com efeito, os hebreus costumam rir quando ouvem o que lemos em Isaías: “Bem-aventurado aquele que possui descendência em Sião e servos em Jerusalém”; também em Amós, após uma descrição de luxúria: “pensaram estas coisas como estabilidade, e não como fugacidade” – verdadeiramente uma sentença retórica ou uma declamação tuliana. Mas o que faremos em relação aos livros originais em que essas e demais coisas semelhantes a essas não são trazidas escritas, as quais, se nos esforçássemos em publicar, necessitariam um número infinito de livros? Ora, ou os asteriscos são testemunhas de quantas coisas os tradutores da <i>Septuaginta</i> omitiram, como eu disse, ou nossa interpretação, se cotejada com a versão antiga por um leitor diligente, e, todavia, com justiça, a edição da <i>Septuaginta</i> é reconhecida nas Igrejas, ou porque é a primeira e foi feita antes do advento de Cristo, ou porque foi usada pelos apóstolos – nas passagens, porém, em que ela não difere do hebraico. Por sua vez, Áquila, prosélito e</p>
---	--

<p>uerba, sed etymologias uerborum transferre conatus est, iure proicitur a nobis. Quis enim pro frumento et uino et oleo possit uel legere uel intellegere $\chi\epsilon\upsilon\mu\alpha$, $\acute{\omicron}\pi\omega\rho\iota\sigma\mu\acute{\omicron}\nu$, $\zeta\iota\lambda\pi\nu\acute{\omicron}\tau\eta\tau\alpha$, quod nos possumus dicere ‘fusionem’, ‘pomationem’que, et ‘splendentiam’ aut, quia Hebraei non solum habent $\acute{\alpha}\rho\theta\rho\alpha$, sed et $\pi\rho\acute{\omicron}\alpha\rho\theta\rho\alpha$, <ut> ille $\kappa\alpha\kappa\omicron\zeta\acute{\eta}\lambda\omega\varsigma$ et syllabas interpretetur et litteras, dicatque $\sigma\acute{\upsilon}\nu$ $\tau\acute{\omicron}\nu$ $\omicron\upsilon\rho\alpha\nu\acute{\omicron}\nu$ $\kappa\alpha\iota$ $\sigma\acute{\upsilon}\nu$ $\tau\acute{\eta}\nu$ $\gamma\acute{\eta}\nu$, quod Graeca et Latina omnino lingua non recipit? huius rei exemplum ex nostro sermone capere possumus. Quanta enim apud Graecos bene dicuntur quae, si ad uerbum transferamus, in Latino non resonant, et e regione, quae apud nos placent si uertantur iuxta ordinem, apud illos displicebunt!</p>	<p>controverso tradutor, que se esforçou para traduzir não só as palavras, mas também suas etimologias, com justiça é rejeitado por nós. Quem poderia, com efeito, ler ou compreender como ‘trigo’, ‘vinho’ e ‘óleo’ $\chi\epsilon\upsilon\mu\alpha$, $\acute{\omicron}\pi\omega\rho\iota\sigma\mu\acute{\omicron}\nu$ e $\sigma\iota\lambda\pi\nu\acute{\omicron}\tau\eta\varsigma$, que podemos entender como ‘derramamento’, ‘colheita de frutas’ e ‘esplendor’? Ou, porque os hebreus não têm apenas artigos ($\acute{\alpha}\rho\theta\rho\alpha$), mas também outros prefixos ($\pi\rho\acute{\omicron}\alpha\rho\theta\rho\alpha$), ele, com mau gosto, traduz não apenas as sílabas, mas também as letras, e diz $\sigma\acute{\upsilon}\nu$ $\tau\acute{\omicron}\nu$ $\omicron\upsilon\rho\alpha\nu\acute{\omicron}\nu$ $\kappa\alpha\iota$ $\sigma\acute{\upsilon}\nu$ $\tau\acute{\eta}\nu$ $\gamma\acute{\eta}\nu$, o que as línguas grega e latina absolutamente não admitem, deste fato podemos tomar um exemplo a partir de nossa língua. De fato, quantas coisas são bem ditas entre os gregos, que, se traduzirmos palavra por palavra, não soam bem em latim! E, ao contrário, que entre nós são agradáveis, se traduzidas segundo a ordem, serão desagradáveis entre os gregos!</p>
<p>XII. Sed ut infinita praeteream et ostendam tibi, uir omnium nobilium Christianissime, Christianorum nobilissime, cuius modi falsitates in epistulae translatione reprehendant, ipsius epistulae ponam cum Graeco sermone principium, ut ex uno crimine intellegantur et cetera, Ἔδει ἡμᾶς</p>	<p>XII. Mas, para que eu deixe de lado infinitas coisas e mostre a ti, o homem mais cristão de todos os nobres e o mais nobre de todos os cristãos, de que tipo de falsidade repreendem na tradução da carta, apresentarei o início da própria carta com o idioma grego, para que, a partir de uma acusação, sejam compreendidas também as demais³⁷: $\text{Ἔδει ἡμᾶς, ἀγάπητε, μὴ τῇ οἰήσει τῶν κλήρων φέρεσθαι}$, que lembro de ter vertido deste modo: “Era-nos necessário,</p>

³⁷ Este é um caso excepcional, em que Jerônimo cita o início de uma carta no original grego. A referência a uma carta se faz normalmente com a indicação do destinatário e do assunto tratado.

<p>ἀγαπητέ μὴ τῆ οἰήσει τῶν κλήρων φέρεθαι, quod ita me uertisse memini: “oportebat nos, dilectissime, clericatus honore non abuti in superbiam”. ‘Ecce’, in quiunt, ‘in uno uersiculo quanta mendacia’! primum ἀγαπητός, ‘dilectus’ est, non ‘dilectissimus’; deinde οἴσις, ‘aestimatio’ dicitur, non ‘superbia’ – non enim dixit ‘οἴσις’, sed οἴσει’ quorum alterum ‘tumor’, alterum ‘arbitrium’ sonat –; totumque, quod sequitur, ‘clericatus honore non abuti in superbiam ‘tuum est’. Quid ais, o columen litterarum et nostrorum temporum Aristarche, qui de uniuersis scriptoribus sententiam feras? ergo frustra tanto tempore studuimus et “saepe manum ferulae subduximus” ? egredientes de portu, statim inpegimus. Igitur, quia et errasse humanum est et confiteri errorem prudentis, tu quicumque reprehensor es, tu me, obsecro, emenda, praeceptor, et uerbum de uerbo exprime. ‘Debueras’, inquit, ‘dicere’: ‘oportebat nos, dilecte, non aestimatione clerorum ferri’. Haec est Plautina eloquentia, hic lepos Atticus et Musarum, ut dicunt, eloquio, comparandus! Conpletur in me tritum uulgi sermone prouerbium: oleum perdit et inpensas qui bouem mittit ad ceroma. Haec non est illius culpa cuius sub persona alius agit tragoediam, sed</p>	<p>diletísimos, não abusar da honra do clericado para servir à soberba”. Eis, dizem, quantas mentiras numa única linha! Em primeiro lugar, ἀγαπητός significa ‘dileto’, e não ‘diletíssimo’. Depois, οἴσις significa, ‘opinião’, e não ‘soberba’; de fato, não se disse οἴσις, mas οἴσει, palavras das quais uma significa ‘tumor’, e a outra, ‘juízo’. E tudo o que se segue, “não abusar da honra do clericado para servir à soberba”, “é teu”. O que fazes, ó sumidade das letras e Aristarco de nossos tempos, que dás teu parecer acerca de todos os escritores? Então foi em vão que por tanto tempo estudamos e “muitas vezes retiramos a mão à palmatória”³⁸? Saindo do porto, imediatamente encalhamos. Enfim, porque errar é humano e confessar o erro é sábio, tu, censor, quem quer que sejas, tu, mestre, suplico-te, corrige-me e traduz literalmente. Deverias, diz ele, dizer: “Era-nos necessário, diletos, não sermos levados pela opinião dos clérigos”. Esta é a eloquência plautina, esta é a graça ática que, como dizem, deve ser comparada à linguagem das musas. Cumpre-se em mim o conhecido provérbio, na linguagem do povo: “Perde o óleo e as despesas aquele que manda um boi para os exercícios atléticos”. Esta culpa não é daquele sob cuja máscara um outro representa a tragédia, mas é de seus mestres, os quais, por um grande preço, ensinaram-no a nada saber. E não censuro, em</p>
--	--

³⁸ A fêrula (ou “palmatória”) do mestre-escola é uma expressão imagética para significar ‘fazer longos estudos’ (Cf. QUINTILIANO, *Inst. Or.*, IV, 1, 61, apud LABOURT (ed.), 2002, p. 72).

<p>magistorum eius, qui illum magna mercede nihil scire docuerunt. Nec reprehendo in quolibet Christiano sermonis inperitiam – atque utinam Socraticum illud haberemus: ‘scio, quod nescio’ et alterius sapientis: ‘te ipsum intellege’! – uenerationi mihi semper fuit non uerbosa rusticitas sed sancta simplicitas: qui in sermone imitari se dicit apostolus, prius imitetur in uita. Illorum in loquendo simplicitatem excusabat sanctimoniae magnitudo, et syllogismos Aristotelis contortaque Chrysippi acumina resurgens mortuus confutabat. Ceterum ridiculum, si quis e nobis manens inter Croesi opes et Sardanapalli delicias de sola rusticitate se iactet, quasi omnes latrones et diuersorum criminum rei disertis sint, et cruentos gladios philosophorum uoluminibus ac non arborum truncis occulant.</p> <p>XIII. Excessi mensuram epistulae, sed non excessi doloris modum. Nam qui falsarius uocor et inter muliercularum radios et textrina dilanior, contentus sum crimen abluere, non referre. Vnde arbitrio tuo cuncta permitto ut legas ipsam epistulam, tam Graecam quam Latinam, et ilico intellegas accusatorum meorum</p>	<p>qualquer cristão que seja, a imperícia de linguagem, e oxalá considerássemos aquele socrático “sei que nada sei” e o “conhece-te a ti mesmo”, de outro sábio, Quilão, como se pensa. Sempre foi de minha veneração não a verbosa rusticidade, mas a santa simplicidade. Aquele que se diz imitar os apóstolos na linguagem, antes imite na vida. Neles, a grandeza da santidade escusava a simplicidade de falar, e um morto ressuscitado refutava os silogismos de Aristóteles e as sutilezas intrincadas de Crisipo. De resto, seria ridículo se alguém de nós, permanecendo entre as riquezas de Cresos e as delícias de Sardanapalo, se jactasse apenas de sua rusticidade, como se todos os ladrões e réus de acusações diversas fossem cultos, se ocultassem as espadas ensanguentadas em volumes de filósofos e não em troncos de árvores.</p> <p>XIII. Excedi³⁹ a dimensão de uma carta, mas não excedi a medida de minha dor, pois eu, que sou chamado de falsário e sou rasgado em pedaços entre as lançadeiras e teares das mulherezinhas, estou contente em repelir a acusação e não revidar. Por isso, confio tudo a teu julgamento, para que leias a própria carta, tanto a grega quanto a latina, e compreenderás</p>
--	--

³⁹ Muitas epístolas de São Jerônimo são consideradas *libelli* (“livretos”) por ele mesmo, como se pode ver, por exemplo, na *Ep.* 112, 1, *ad Aug.* (PL XXII, 916): *Haec epistula, immo libellus Jeremiae prophetae*. Na Antiguidade, a concisão era uma das qualidades do gênero epistolar. Jerônimo tem consciência disso e, quando excede a mensura de uma carta, desculpa-se, como agora, na conclusão, mas também no parágrafo 8.

<p>nenias et pretiosas querellas. Porro mihi sufficit amicum instruxisse carissimum, et in cellula latitantem diem tantum exspectare iudicii. Optoque, si fieri potest, etsi aduersarii saeuierint, commentarios potius scripturarum, quam Demosthenis et Tullii Philippicas tibi scribere.</p>	<p>imediatamente as insignificâncias e as preciosas querelas de meus acusadores. De agora em diante, me é suficiente ter instruído um amigo caríssimo e apenas esperar, retirado em minha cela, o dia do Juízo. E desejo escrever para ti, se for possível e meus adversários permitirem, antes comentários das Escrituras, do que filípicas de Demóstenes e de Túlio <Cícero>.</p>
---	---

Considerações finais

Acreditamos ser bastante evidente que os problemas de tradução levantados por São Jerônimo até hoje geram discussão: a literalidade ou não de uma tradução, a omissão ou acréscimo de termos, a paráfrase e a adaptação, entre outras questões. As primeiras reflexões sobre o tema começaram com os escritores clássicos latinos e estenderam-se à Antiguidade Tardia, com São Jerônimo. Atravessaram os séculos e chegaram até nós. Sem dúvida, esses questionamentos básicos e antagônicos, a respeito da preferência por uma tradução literal ou por uma tradução pelo sentido ainda são muito atuais. Muito antes de existirem as teorias de tradução e os estudos de tradutologia, existiram os tradutores. São Jerônimo evidencia-se como um tradutor que não deixou de refletir enormemente sobre a prática da tradução, ainda que não fosse um tradutólogo.

Para exemplificar o papel de destaque que muitos tradutores e estudiosos de tradução dão a São Jerônimo, reproduzimos o fechamento do primeiro capítulo do livro de LARBOURD (1946, p.56):

“Du haut des cieux, entouré de sa cour d’anges philologues, grammairiens et lexicographes, les plus beaux que ceux du Corrège, et qui travaillent, sous sa direction, au Dictionnaire sempiternel de toutes langues qu’ont parlées, parlent et parleront les enfants d’Adam, il nous écoute avec faveur; il nous fait signe qu’il consernt; il sourit: Et pour les citations, merci. – Salut dès cette vie, et salut aux siècles des siècles, ô notre ami des cieux!”

Plassard (2006) descreve minuciosamente o trabalho de Larboud, destacando que esse tradutor e teórico da tradução, inspirado em São Jerônimo, apresentou os direitos e deveres dos tradutores e traçou os limites do que atualmente se chama “ética da tradução”. Inclusive, segundo Plassard, foi o legado de Larboud que possibilitou a fundação da FIT (Fédération Internationale des Traducteurs), órgão vinculado à UNESCO desde 1976.

Referências bibliográficas:

ARNS, Dom Paulo Evaristo. A técnica do livro segundo São Jerônimo. Tradução de *La technique du livre d'après Saint Jérôme*. Paris: Boccard, 1953). Traduzido por Cleone Augusto Rodrigues. Prefácio de Alfredo Bosi. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

BÍBLIA SAGRADA. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

BOYANCE, P. *Études sur la religion romaine* (Collection de l'École Française de Rome, 11). Rome: 1972.

CAIN, A. *The letters of Jerome: asceticism, biblical exegesis, and the construction of christian authority in Late Antiquity*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2009.

FUNARI, P.; VASCONCELLOS P. *Paulo de Tarso: um apóstolo para as nações*. São Paulo: Paulus, 2013.

LABOURT, Jérôme (éd). *Saint Jérôme: correspondance (lettres LIII-LXX)*. Tome III. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

LARBOUD, Valery. *Sous l'invocation de Saint Jérôme*. Paris: Gallimard, 1946.

MALACARNE, Luciana; MARTINS, Maria Cristina. “Considerações sobre a epístola a Pamáquio : sobre a melhor maneira de traduzir de São Jerônimo”. In: Cadernos de tradução (Porto Alegre). Porto Alegre, RS (2016), p. 167-177. Disponível em: https://www.academia.edu/41712714/Considera%C3%A7%C3%B5es_sobre_a_ep%C3%ADstola_A_Pam%C3%A1quio_sobre_a_melhor_maneira_de_traduzir_de_S%C3%A3o_Jer%C3%B4nimo. Acesso em 11/10/2019

MARQUES, Juliana Bastos. **Tradição e renovações da identidade romana em Tito Lívio e Tácito**. 2007. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 258 p. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-03062008-153929/publico/TESE_JULIANA_BASTOS_MARQUES.pdf. Acesso em 09/10/2019.

MARTINS, Maria Cristina. *Peregrinação de Egéria: uma narrativa de viagem aos lugares santos*. Uberlândia: Editora EDUFU, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.7476/9788570785190?fbclid=IwAR2t0IMRUSfDkpSII5K58hIbBbtel6RKey79azncm8n_-S8cTi5CXGLsUZk. Acesso em 13/11/2019.

MARTINS, Maria Cristina. “Cultural and linguistics aspects of Saint Jerome's epistles concerning Antioch, Syria and Constantinople”. Dakam's International Social Sciences Meeting (2017: Istanbul, Turkey). [Proceedings book], Istanbul: Dakam, 2017. p. 46-61 , il.: digital.

Disponível em: https://www.academia.edu/34626415/artigo_Istambul.pdf. Acesso em 12/11/2019.

MARTINS, Maria Cristina. “A técnica da tradução e da interpretação segundo São Jerônimo”. In: *Linguística de nosso tempo: teorias e práticas* [ebook], Santa Maria: Ed. UFSM, 2018. p. 184-204. Disponível em: https://www.academia.edu/38870622/A_t%C3%A9cnica_da_tradu%C3%A7%C3%A3o_e_da_interpreta%C3%A7%C3%A3o_segundo_S%C3%A3o_Jer%C3%B4nimo. Acesso em 11/11/2019.

MARTINS, Maria Cristina; MARIANO, Alexandra. “Philological and translation aspects of St. Jerome’s XVIII and LVII epistles”. In: *Nowy wymiar filologii tom 2. New dimensions of philology volume 2*, Wloclawek: Editora Científica PWSZ, 2018. p. 25-39. Disponível em: https://www.academia.edu/38885479/Philological_and_translation_aspects_of_St_Jeromes_epistles. Acesso em 29/10/2019.

MARTINS, Maria Cristina; MARIANO, Alexandra. “A construção do Santo Jerônimo de Estridão”. *Anais dos Encontros Internacionais de Estudos Medievais/Associação Brasileira de Estudos Medievais*, v. 3, p. 15-25, 2019. Disponível em: http://abrem.org.br/revistas/index.php/anais_eiem/article/view/415/369. Acesso em 29/10/2019.

MIGNE, J.-P. (ed.). *Patrologia Latina* (opera omnia). Paris: Garnier, 1844-1855. Disponível em http://www.documentacatholicaomnia.eu/20_40_0347-0420-_Hieronymus,_Sanctus.html. Acesso em 29/10/2019.

MILLER, S.M.; HUBER, R.V. *A Bíblia e sua história: o surgimento e o impacto da Bíblia*. Tradução de: *The Bible: a History – the making and impact of the Bible*. Traduzido por Magda Huf e Fernando Huf. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

NASCIMENTO, Aires (ed.) *Carta a Pamáquio, sobre os problemas de tradução: Ep. 57*. Lisboa, Cosmos, 1995.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica: cultura romana*. II Volume, 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

PLASSARD, F. “*Sous l’invocation de Saint Jérôme ou les sarments de la traductologie Contemporaine*”, in: CHAUDIRE, S.; LIOURE, F. *Les Langages de Larbaud, Littératures*, Clermont-Ferrand: CRLMC, 2006, p. 91-103. Disponível em: https://www.academia.edu/20192654/_Sous_l_invocation_de_Saint_J%C3%A9r%C3%B4me_ou_les_sarments_de_la_traductologie_contemporaine_. Acesso em 10/10/2019.

VASCONCELLOS, P; FUNARI, P. *Paulo de Tarso: um apóstolo para as nações*. São Paulo: Paulus, 2013.